



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E IDENTIDADE NEGRA: ANTIRRACISMO E SUPREMACIA
NAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS**

**<MUSEOLOGICAL DOCUMENTATION AND BLACK IDENTITY>: < ANTI-RACISM AND
SUPREMACY IN MUSEOLOGICAL PRACTICES>**

Thainá Castro. UFSC.

Renata Cardozo Padilha. UFSC.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Nas últimas décadas temos observado o desenvolvimento das pautas étnico raciais bem como a expansão do campo museológico, uma coisa não tem necessariamente a ver com a outra, mas ambos os processos, aqui analisados em perspectiva, revelam problemas e potenciais das construções de narrativas pelos aparelhos culturais museais. Este trabalho se pauta na investigação da documentação museológica no Brasil a partir da perspectiva racial, especificamente, se propõe a refletir como uma ferramenta museológica pode ser eficiente na construção de discursos antirracistas, ou em contraponto como uma ilusória neutralidade posiciona esse tipo de ferramenta como supremacista. Trata-se de uma revisão sobre museus e questões raciais e as experiências recentes acerca da musealização de acervos negros. Como resultado, identificamos que a proposta de autogestão e processos colaborativos tendem a transformar as técnicas e instrumentos de representação da informação dos museus garantindo o fortalecimento e representação das identidades negras. Consideramos que o fato de a documentação museológica visar o registro informacional de forma legítima, ética e segura dos acervos culturais, é preciso repensar como esses sistemas de informação são elaborados para que efetivamente tornem os museus espaços antirracistas, comprometidos com a transformação sociocultural, com a valorização humana e com os seus direitos.

Palavras-Chave: Musealização. Antirracismo. Identidade Negra. Representação da Informação. Documentação Museológica.

Abstract: In the last decades we have observed the development of ethnic-racial guidelines as well as the expansion of the museological field, one thing does not necessarily have to do with the other, but both processes, analyzed here in perspective, reveal problems and potentials of the construction of narratives by the devices. museum cultures. This work is based on the investigation of museological documentation in Brazil from the racial perspective, specifically, it proposes to reflect on how a museological tool can be efficient in the construction of anti-racist discourses, or in contrast to how an illusory neutrality positions this type of tool as supremacist. . It is a review of museums and racial issues and recent experiences regarding the musealization of black collections. As a result, we identified that self-management proposal and collaborative processes tend to transform the techniques and instruments of representation of information in museums, guaranteeing the strengthening and



representation of black identities. We consider that the fact that museological documentation aims to register information in a legitimate, ethical and safe way of cultural collections, it is necessary to rethink how these information systems are elaborated so that they effectively make museums anti-racist spaces, committed to sociocultural transformation, with the human valorization and with their rights.

Keywords: Musealization. Anti-Racism. Black Identity. Information Representation. Museum Documentation.

1 INTRODUÇÃO

Qual a responsabilidade dos museus na luta antirracista? Como os discursos construídos nos museus servem ao antirracismo na sociedade? Estas e outras questões, suscitadas no âmbito dos projetos de pesquisa “Curadorias de exposição em auto narrativas” e “Documentação museológica e os desafios contemporâneos”, têm subsidiado os caminhos de investigação sobre as metodologias e práticas museológicas contemporâneas pela perspectiva da interseccionalidade. Os museus, como conhecemos hoje, são instituições que surgem no seio da modernidade. O museu moderno, fundado na Revolução Francesa, tinha como princípio a difusão de acervos ligados a específicas narrativas históricas, artísticas e científicas atreladas ao conceito de estado-nação republicano emergente. Este modelo ocidental, europeu e necessariamente branco, se consolidou historicamente não apenas como um processo patrimonial eficiente, mas sobretudo como um aparelho político e ideológico de construção de narrativas.

A Museologia brasileira, fundada no século XX, é atravessada pelas discussões patrimoniais francófonas, inobstante a sua localização geográfica há ainda pouco diálogo e trocas acadêmicas entre a Museologia brasileira e demais Museologias sul americanas. A fundação e desenvolvimento dos museus no Brasil está ligada a história das elites econômicas, havendo uma predominância destes grupos tanto nos primeiros acervos preservados quanto nas primeiras grades curriculares do curso de museus.

É seguro afirmar então, que a Museologia brasileira, serviu inicialmente a construção de narrativas políticas e ideológicas de grupos hegemônicos, sob um referencial europeu e necessariamente branco. No entanto, com as reformas universitárias e a expansão da Museologia em cursos superiores no Brasil vimos significativas transformações. Atualmente no Brasil temos mais de 3 mil museus (IBRAM, 2014) e 18 cursos de graduação em Museologia (REDE, 2021), o aumento de cursos e museus se dá em decorrência da Política Nacional de



Museus na década de 2000, quando um inédito investimento foi feito no campo, tendo como consequência também a criação do Instituto Brasileiro de Museus em 2009.

Além disso, o campo é regulamentado pela lei nº 7.287 de 1984, tendo Conselho Federal e Conselhos Regionais em atuação. Este panorama nos traz pontos importantes sobre as transformações sociopolíticas do campo dos museus no Brasil nas últimas décadas, que muito além da expansão tem visto o surgimento de novos museus e territórios musealizados, em uma mudança de perspectiva profunda, na qual alguns grupos sociais deixam de ser o “outro” para ser o “eu”. Nesse sentido nos parece imprescindível analisar as metodologias e ferramentas específicas da Museologia que articulam tecnicamente a construção de discursos e políticas museológicas, neste caso especificamente analisaremos a documentação museológica e sua potencialidade como ferramenta para construção de discursos antirracistas.

2 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO

Segundo Padilha (2014) a documentação museológica diz respeito ao registro de toda informação referente ao acervo museológico, tem como objetivo organizar e possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo. Segundo Chagas (1994) todo objeto tem potencial para a musealidade, no entanto nem todo objeto será musealizado. O processo de musealização, pesquisado pela museóloga Waldisa Russio (1983) trata da atribuição de excepcionalidade a um objeto, tornando-o museológico.

A musealização começa com uma etapa de separação (Malraux, 1951) ou de suspensão (Déotte, 1986): os objetos ou as coisas (objetos autênticos) são separados de seu contexto de origem para serem estudados como documentos representativos da realidade que eles constituíam. Um objeto de museu não é mais um objeto destinado a ser utilizado ou trocado, mas transmite um testemunho autêntico sobre a realidade. Essa remoção (Desvallées, 1998) da realidade já constitui em si uma primeira forma de substituição. Um objeto separado do contexto do qual foi retirado não é nada além de um substituto dessa realidade que ele deve testemunhar. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.57)

O processo de musealização é majoritariamente uma articulação de poder, assim a seleção é agenciada pelo que deve ser lembrado e o que será esquecido. Os museus, como espaços de memória, organizam essa dinâmica de memórias e esquecimentos no seu



cotidiano, e suas práticas articulam ferramentas para isso. Nessa dinâmica do lembrar e esquecer cabe o questionamento sobre *quem* faz essa seleção e a *quem* ela representa. Nessa lógica de poder observamos a constituição histórica dos museus ligados às elites econômicas, representando seus próprios corpos de forma positivada, demarcando os museus como espaços de branquitude.

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. (SCHUCMAN, 2014, p.136)

Se analisarmos os museus segundo sua funcionalidade essencial *pesquisa, preservação e comunicação* (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013) poderíamos questionar como esse agenciamento entre o que deverá ser lembrado e esquecido se organiza de forma metodológica nessas atividades. O processo de preservação, por exemplo, trata não apenas da salvaguarda física do bem museológico, mas também, da preservação informacional simbólica e histórica deste. Retomando o conceito de documentação museológica inserimos no debate outra importante pesquisadora, que nos traz a seguinte explanação:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994, p.1)

O processo de documentação está articulado às funções do museu acima referenciadas, tendo seu início na seleção do objeto, processo subsidiado por **pesquisa** museológica, seguido da documentação, que tem em sua concepção fundamental a **preservação** e recuperação das informações, para então desaguar na **comunicação**, que articula a extroversão das informações acerca do objeto relacionando questões intrínsecas e extrínsecas. A



documentação museológica é, portanto, fundamento e metodologia, articulação prática de organização de conceitos museológicos importantes, e principalmente é ferramenta agenciadora de discursos, uma vez que seleciona e pesquisa como processos não neutros.

3 REPRESENTAÇÕES NEGRAS EM MUSEUS BRASILEIROS

Os museus são instituições de memória que articulam ideologias na construção de discursos. Como instituições políticas os museus não são neutros, estão inseridos na sociedade e tem o dever ético de refletir sobre questões do seu tempo. Temos hoje no Brasil mais de três mil instituições museológicas cadastradas segundo a publicação *Museus em Números* (BRASIL, 2011), desta somatória poucas são as instituições que tratam essencialmente da temática da negritude sob uma perspectiva positiva de valorização, o que por si só é um déficit em um país com mais de 54% de população negra. Na pesquisa da antropóloga Myrian Sepúlveda (2004) a autora traz à tona as disputas de grupos minoritários pela representação de suas histórias em contraponto com tentativas homogeneizantes de construção de histórias ditas oficiais ou absolutas, no que concerne aos museus tradicionais a autora destaca “[...] o silêncio quase absoluto sobre a participação positiva do negro na constituição da nação e a lembrança do período em que ele foi amarrado ao tronco, espancado, dominado e humilhado pelo homem branco.” (SANTOS, 2004, p.4). No artigo de Zubaran e Machado (2013) as autoras trazem importantes considerações sobre a representação negra na exposição de longa duração no Museu Júlio de Castilhos (RS), das reflexões levantadas pelas pesquisadoras poderíamos traçar paralelos com muitos museus brasileiros, uma vez que há uma recorrência da construção de negritude nesses espaços pelo viés de gestores e curadores brancos, no entanto destacamos o que consideramos o cerne deste debate:

Na perspectiva de Stuart Hall (1997), as representações racializadas do negro são construídas com base em estereótipos étnico-raciais do negro que atuam a partir de uma ótica binária e que fixam como ‘naturais’ características culturalmente construídas sobre esses sujeitos. A naturalização dessas representações estereotipadas que circulam sobre o negro na cultura dificulta o questionamento e a problematização do status de inferioridade atribuído à cultura e às identidades negras e contribui para o fortalecimento de identidades hegemônicas. (MACHADO, ZUBARAN, 2013, p. 147)



Uma análise profunda nos museus do início do século XX revelaria detalhadamente a construção metodológica na preservação de acervos brancos, na negatização sobre o que colecionar em relação à população negra e majoritariamente sobre que conceito de História se disputava. As metodologias museológicas, uma vez usadas para a construção de discursos hegemônicos, também nos permite concluir que poderiam construir o inverso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação museológica foi constituída no campo museológico atrelado ao momento histórico, político, legal, social e cultural que acabam por definir a práxis museológica, dessa forma a contemporaneidade nos apresenta uma forte necessidade de atualização da mesma visto que ainda no século XXI, a preservação do patrimônio cultural está enraizada numa perspectiva hegemônica, euro centrada, branca, normativa, que não atendem as necessidades informacionais contemporâneas e decoloniais. Assim, para que a identidade negra tenha sua representação da informação adequada às necessidades da cultura afro-brasileira em sistemas de documentação museológico, é preciso repensar as estruturas organizacionais que definem os aspectos informacionais intrínsecos e extrínsecos da preservação do acervo pela perspectiva dos grupos representados, e não, de quem encontra-se no poder historicamente supremo.

Cabe ressaltar que para desenvolvermos ferramentas de documentação museológica alinhadas a uma perspectiva antirracista exigirá inicialmente o levantamento das experiências práticas dos movimentos negros em diálogo com referências bibliográficas contra hegemônicas e decoloniais, que buscam fundamentar os processos informacionais e comunicacionais a partir das vivências das identidades e da cultura negra. Para tanto, propostas de autogestão e processos colaborativos tendem a transformar as técnicas e instrumentos de representação da informação, uma vez que são criados de modo coletivo que atendam às necessidades dos grupos representados em primeira pessoa, e não mais o olhar do outro, o branco, sobre ele e suas existências.

Em suma, as instituições museológicas brasileiras precisam repensar seus acervos culturais salvaguardados, pois não é possível que um país com mais de 54% de população negra não tenha suas memórias e culturas representadas, mais especificamente, não tenham as suas existências valorizadas de maneira positiva, estimulando a autoestima da maioria dos



brasileiros. Assim, compreendemos que pelo fato de a documentação museológica visar o registro informacional de forma legítima, ética e segura dos acervos culturais, precisamos repensar como esses sistemas de informação são elaborados para que efetivamente tornem os museus espaços antirracistas, comprometidos com a transformação sociocultural, com a valorização humana e com os seus direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em números**. Brasília: Ministério da Cultura: Instituto Brasileiro de Museus, v. 1, 2011.

CHAGAS, M. Em Busca do Documento Perdido: A Problemática da Construção Teórica na Área da Documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, 1994.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaio 2).

_____; BIANCHINI, M. H. S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: MINC/SPHAN/PróMemória, 1987. (v.1; v.2)

DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: ICOM, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GUARNIERI, W. R. C. **La muséologie et la formation: une seule méthode**. Icofom Study Series – ISS 5, 1983, p. 32-39.

PADILHA, R. C. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Entre o tronco e os Atabaques: a representação do negro nos Museus Brasileiros. In: **Colóquio Internacional Projeto UNESCO: 50 anos depois**. Salvador, 2004.

SCHUCMAN, L. V. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014.

ZUBARAN, Maria Angélica; MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. O que se expõe e o que se ensina: representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 22, n. 1, 2013.